

CORPO *GRAFIA*

Por Alexandre Santos Ferreira

Dentro da história da arte encontramos um tema recorrente em diversos artistas que se utilizaram das mais variadas técnicas: o corpo humano. Objeto de comunicação por excelência, sua materialidade foi (e é) obsessivamente estudada e representada, revelando a expressão de um mundo psíquico repleto de peculiaridades no que toca às manifestações individuais e símbolos presentes na coletividade. Muitas vezes, cabe à arte a expressão, um compromisso com a reinterpretação e reintegração do seu valor simbólico. Este correlato é um espaço de metáforas. Narrativas. Leonardo da Vinci, por exemplo, escandalizou seus contemporâneos ao destrinchar cadáveres. Rodin transformou mármore em expressões físicas de dor, amor, desejo, pensamento... Man Ray retratou o corpo inconsciente por uma lente surrealista. Potente, provocadora. Mas foi em *The Pillow Book*, filme dirigido por Peter Greenaway em 1996, que podemos observar a tentativa de descobrir a delicada relação entre os mundos interno/externo e sua influência na construção de um universo psíquico. Baseado nas Notas de cabeceira da escritora japonesa Sei Shonagon, o filme conta a história de uma criança que cria um forte vínculo com a experiência de ter seu rosto usado como uma superfície por um calígrafo em seu aniversário. A partir daí, a personagem se encontra em uma incessante busca por um amante ideal, tendo a escrita corporal como ponto de contato. Uma linda metáfora da capacidade do soma de ser receptor, material sensível como um filme que registra a luz. Neste caso, imperceptível aos olhos mas visível à sensibilidade analítica.

Neste contexto, o corpo possui uma dualidade fundamental: não deve ser observado apenas como algo material, composto por células, tecidos, ossos, líquidos e fluidos. É uma estrutura composta de uma interioridade singular e uma expressão psíquica. Seja pelo olhar, pelo toque ou pela escuta, são os órgãos que nos possibilitam

o único contato possível com a desconhecida e desamparada da existência de um outro... Incoerente... Humano. É com o corpo que expressamos este sopro de vida que tanto instiga artistas e curiosos. Ele fala enquanto todo e em partes. Absorve e expele matéria. Possui conteúdos emocionais e quer ser instrumento de linguagem, sempre conspirando para uma nova forma de comunicação e resistência.

Neste contexto, qual é o papel representado pelo corpo neste palco chamado Psicanálise? No visceral universo clínico de Melanie Klein, é a através das vivências do bebê com o funcionamento dos órgãos do soma e suas experiências através da relação com a mãe e o mundo externo que se constroem os primeiros objetos fantasiados. Objetos internos que corporificam tanto as pulsões do Isso quanto os aspectos superegóticos. Se a pulsão é um conceito fronteiro entre o anímico e o físico, Melanie Klein considerou a participação das pulsões de morte desde a origem da vida, tanto nas relações de objeto quanto no organismo. Operando livremente, caberia à libido narcísica desviar grande parte de sua intensidade e, conseqüentemente, a formulação de que sua ideia de complexo de Édipo e superego arcaico se dá através desta fusão entre pulsão de morte e libido narcísica operantes desde o princípio.

Em seu texto *Estágios iniciais do conflito Edipiano e da Formação do Superego (1927/1932)*, Melanie Klein escreve que "as frustrações orais liberam os impulsos e que o superego começa a se formar ao mesmo tempo"¹. Ela parte da premissa de que, "normalmente, o prazer do bebê em sugar é substituído pelo prazer em morder. A falta de satisfação no estágio oral de sugar aumenta a necessidade de satisfação no estágio oral de morder". Sendo assim, a criança estaria suscetível a condições de alimentação desfavoráveis e frustrações externas... mas não apenas. São os "mamadores preguiçosos" que, embora recebam suficiente alimento, possuem

¹ Klein, M. (1927/1932) *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego*. In Klein, M. *A Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 145.

sadismo oral acima da média e esta seria a fonte de sua frustração interna. Uma polaridade entre pulsões de vida e morte. Um delicado equilíbrio entre Expressão da Força da Libido e deste Sadismo Oral. Klein nos lança a ideia de que a transformação da libido não satisfeita em angústia também é repleta de fúria. Uma fusão de pulsões destrutivas e libidinais desde o nascimento e que são fortalecidas pelas vivências de frustração, fortalecendo as pulsões sádicas do bebê.

Dirigida destrutivamente contra o próprio organismo e encarada como um perigo pelo ego, esta angústia seria originada pela agressão. Segundo Melanie Klein, "o ego tem ainda um outro meio de controlar aqueles impulsos destrutivos que ainda permanecem no organismo. Pode mobilizar uma parte deles como uma defesa contra a outra parte. Desse modo o id sofrerá uma cisão que é, creio eu, o primeiro passo na formação das inibições pulsionais e do superego"². Uma cisão que se inicia a partir da incorporação do objeto e cuja finalidade é a de se tornar uma defesa contra os impulsos destrutivos.

Para Melanie Klein, esta é a forma com que o ego, presente desde o nascimento e ainda muito frágil, consegue lidar com a angústia. Diante da angústia de aniquilamento, o ego promove a deflexão da pulsão de morte para fora, criando uma intrincada dinâmica de ejeção/incorporação de seus objetos internos. Às vezes satisfatórios e fundamentais para a construção da experiência de vida e, às vezes, persecutórios e sádicos. Para ela, todos estes objetos incorporados assumiriam, desde o início, o papel deste superego arcaico. Um estágio de desenvolvimento ainda regido por tendências agressivas contra o corpo da mãe e também contra o "conhecimento inconsciente de que os pais desfrutavam prazeres sexuais mútuos (...)" e reage a essa

² Klein, M. (1927/1932) *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego*. In Klein, M. *A Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 148.

fantasia com inveja dos pais e isso, por sua vez, reforça o ódio que sente por eles."³

Neste sentido, o superego Kleiniano teria seu núcleo constituído muito antes daquele descrito pela teoria Freudiana, sendo sua instauração a partir da incorporação parcial que ocorre durante a fase pré-genital.

Melanie Klein também introduz a ideia de um sadismo extremo já existente nos primeiros meses de vida, uma expressão do poder desta mesma pulsão de morte que, quando fundida à libido narcísica podem se transformar em pulsão de destruição e inveja, representante mais pura da pulsão de morte. Sua conclusão é a de que o superego começa a se formar desde o início da vida do bebê e seria pré-edípico. Um superego primitivo e cruel que será descrito em sua obra como um composto de objetos fantasiados em imagos somáticas. Um olhar inovador e que estabelecerá a ideia de um recalçamento originário desde o ângulo da pulsão de morte.

Estes conceitos, fundamentais para o desenvolvimento da teoria Kleiniana, abriram novas possibilidades de observação que ampliaram não só os conceitos de ego e superego, mas levaram psicanalistas, como Herbert Rosenfeld, a criarem novos conceitos que trouxeram luz a dilemas clínicos que insistiam em demonstrar barreiras contra o processo analítico. É o caso do conceito de "Narcisismo destrutivo" apresentado no livro *Melanie Klein: Evoluções (1989)*. Nele, Rosenfeld descreve como as relações de objeto narcísicas conseguem evitar os sentimentos agressivos decorrentes da frustração e da inveja e como este processo pode minar e até mesmo destruir o trabalho analítico. Uma forte resistência que tenta negar a necessidade de dependência e, conseqüentemente, sua angústia. Em seu texto *Da Psicopatologia do Narcisismo: Uma Aproximação Clínica (1964)* Rosenfeld já havia descrito como "A preservação rígida da imagem do eu ideal intercepta todo progresso da análise dos

³ *Idem*. p. 154.

pacientes narcísicos, porque a percepção clara da realidade psíquica ou o contato com ela parece ameaçar aquela imagem. Pode-se considerar a imagem do eu ideal do paciente narcísico como uma estrutura altamente patológica baseada na onipotência e na negação da realidade do paciente."⁴ Sendo assim, o ataque deste narcisismo destrutivo contra a própria vida seria muito mais uma representação da morte do que da agressão. Rosenfeld propõe a diferenciação dos aspectos libidinais e destrutivos do narcisismo e coloca a supervalorização do *self* como ponto central para ambos os casos. No primeiro, a idealização do *self* se relaciona com a fantasia de que tudo que é valioso pertence ou é onipotentemente controlado por ele. No segundo, a idealização das partes destrutivas do *self* que se dirigem contra os objetos libidinais positivos ou qualquer parte do *self* que deseje ou dependa dos objetos. Uma forma silenciosa de desligamento libidinal e, conseqüentemente, da própria vida.

Acho importante reafirmar, neste ponto, a capacidade elementar da psique de interpretar subjetivamente as sensações e percepções, inscrevendo no soma uma infinidade de fantasias atuantes desde o princípio na formação deste superego sádico e deste narcisismo destrutivo. Posto, claramente, que sua formação evoca uma combinação indissolúvel entre a realidade interna e externa. Como bem descreveu Maria Luiza Persicano, "na formação do superego arcaico ocorre a ação de várias defesas primitivas do ego contra a pulsão de morte: deflexão, ejeção, rejeição e incorporação, logo seguidas de projeção e introjeção (...) Este ego primitivo kleiniano é um ego-corporal aintegrado, melhor dizendo, é um ego-somático parcial, entendido aqui como composto de imagos de sensações somáticas"⁵. Para a autora, o ponto principal de todo este emaranhado psíquico é a de que esta relação entre objetos

⁴ Rosenfeld, H. (1964/1968) *Psicopatologia do narcisismo: Uma abordagem clínica*. In: *Estados psicóticos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. p. 202.

⁵ PERSICANO, M. L. S. (2013) *A Imago Somatossensitiva na Fantasia Somática*. São Paulo: Escuta. p. 140.

internos persecutórios e superego terrorífico na teoria Kleiniana abre a possibilidade de discutir a ideia de imagos somatossensitivas, conceito que imprime no corpo todas as relações deste superego arcaico, deste narcisismo destrutivo e de um fantasiar mortífero desde o princípio. Um corpo indissolúvel e atuante diante do representável e também do irrepresentável que é a experiência de ser humano.

Para concluir, gostaria de expressar minha gratidão pela oportunidade de desbravar o universo Kleiniano na companhia das professoras Ana Karina Fachini Araújo, Eliane Michelini Marraccini, Maria Beatriz Romano de Godoy e Maria Luiza Scrosoppi Persicano durante todo este ano e de lembrar a famosa citação *Mens Sana in Corpore Sano* ("uma mente sã num corpo são") escrita pelo poeta romano Décimo Júnio Juvenal em sua Sátira X.

*Deve-se pedir em oração que a mente seja sã num corpo são.
Peça uma alma corajosa que careça do temor da morte,
que ponha a longevidade em último lugar entre as bênçãos da natureza,
que suporte qualquer tipo de labores,
desconheça a ira, nada cobice e creia mais
nos labores selvagens de Hércules do que
nas satisfações, nos banquetes e camas de plumas de um rei oriental.
Revelarei aquilo que podes dar a ti próprio;
Certamente, o único caminho de uma vida tranquila passa pela virtude.*

Bibliografia

_Klein, M. (1927/1932) *Estágios iniciais do conflito edipiano e da formação do superego*. In Klein, M. *A Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_PERSICANO, M. L. S. (2013) *A Imago Somatossensitiva na Fantasia Somática*. São Paulo: Escuta.

_Rosenfeld, H. (1964/1968) *Psicopatologia do narcisismo: Uma abordagem clínica*. In: *Estados psicóticos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_Rosenfeld, H. (1971) *Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vida e morte*. e In: BARROS, E.M (Org). *Melanie Klein: Evoluções*. São Paulo: Escuta, 1989.

_Rosenfeld, H. (1972) *Uma abordagem clínica à teoria psicanalítica das pulsões de vida e morte: Uma investigação dos aspectos agressivos [destrutivos] do narcisismo*. In: BARROS, E.M (Org). *Melanie Klein: Evoluções*. São Paulo: Escuta, 1989.



The Pillow Book (O Livro de Cabeceira) dirigido por Peter Greenaway (1996)

name, I will
forgive us our trespasses
And lead us not into
temptation but deliver
us from Evil.
This is the Kingdom
of the power and the glory
forever. Amen.
Noster qui es in Coelis

